

Luiz Eurico de Melo Neto

O CRONISTA AMADOR

Unamuno em Olinda e outras crônicas

(notas de viagens)

Editora do Autor
Recife – junho/2003

Luiz Eurico de Melo Neto

O CRONIST'AMADOR

Unamuno em olinda e outras crônicas

(notas de viagens)

Editora do Autor

Recife Junho/2003

Unamuno em Olinda (reflexões sobre a intra-história)

Meu primeiro contato com a 'micro-história' foi através da leitura de O QUEIJO E OS VERMES de Carlo Ginzburg, que, por meio da análise de um processo inquisitório do Santo Ofício, reconstrói a vida de um moleiro medieval condenado à morte na fogueira pelo crime de heresia.

Ao tentar reconstruir o cotidiano desse pobre homem medieval e sua ambiência, Ginzburg pratica o método de buscar nas minudências, nas coisas anônimas, a História, provando ou experimentando com essa prática as idéias dos novos historiadores, que afirmam não estar a verdade histórica apenas nos documentos oficiais, nas grandes ruínas e achados arqueológicos, sem, no entanto, dispensar-lhes o uso. No caso em estudo, os depoimentos do moleiro Domenico Scandella (Menochio) são de uma riqueza de detalhes sobre a vida comunal daqueles lugarejos medievais, dando ensejo ao autor de refazer aspectos importantes das relações sociais e do cenário daquela porção da Idade Média.

Ginzburg, afirma, sobre a relação da religião camponesa e a religião Católica, que Menochio *"projetava sobre a página impressa elementos*

tirados da tradição oral. É essa tradição, profundamente radicada nos campos europeus, que explica a persistência tenaz de uma religião camponesa, intolerante quanto aos dogmas e cerimônias, ligada aos ciclos da natureza, fundamentalmente pré-cristã" (GINZBURG, 1987: 209).

Uma relação entre a intra-história de Unamuno e a micro-história de Ginzburg merece ser pesquisada. Cotejar o livro de Julián Marías, MIGUEL DE UNAMUNO, com os ensaios do autor de O QUEIJO E OS VERMES, é uma trilha possível, a ser percorrida no futuro. É dessa tradição camponesa e europeia, do cotidiano comunal, que tirou Miguel de Unamuno a idéia de intra-história. Se falamos, dizia ele, de um presente momento histórico, deve existir um presente momento não-histórico. Esse momento pervive nas entranhas da história: é o intra-histórico, o cotidiano comunal, substancia da tradição eterna. Ouçamos as palavras avoengas do mestre de Bilbao:

"Os periódicos nada mencionam da vida silenciosa dos milhões de homens sem história que a todas as horas do dia e em todos os países do globo se levantam a uma ordem do do sol e vão aos seus campos, prosseguindo no obscuro e silencioso labor cotidiano e eterno, esse labor, que, como o das madréporas suboceanicas deita as bases sobre as quais se levantam as ilhotas da história. Sobre o silêncio augusto, dizia eu, apoia-se e vive o som; sobre a imensa humanidade silenciosa elevam-se os que fazem barulho na

história. Essa vida intra-histórica, silenciosa e contínua como o fundo do mar, é a substancia do progresso, a verdadeira tradição, a tradição eterna, não a tradição mentira que se costuma buscar no passado, enterrada em livros e papéis, monumentos e pedras.” (apud KUJAWSKI, G. M. Fernando Pessoa, O Outro, pp. 27, 28).

* * *

Participei, domingo 29.06.2003, de uma cerimônia intra-histórica: a procissão de São Pedro dos Navegantes, da colônia Z-4, em Olinda. Fiquei admirado ao ver aqueles homens e mulheres, muitos deles descalços, as pernas sujas de lama (havia chovido) cantando pelas ruas ladainhas merencórias, entrecortadas por sambas de coco de roda. É que que atrás da orquestra de metais, os pescadores seguiam com atabaques e tambores e nos intervalos dos hinos sacros, começavam a cantar a plenos pulmões uma loa de coco-de-roda:

*"Eu passei por São Pedro
e tirei meu chapéu
Salve São Pedro
Chaveiro do céu".*

Não sei se o que cantavam era côco ou linha de terreiro de umbanda, mas que era uma legítima expressão popular, ah, isso era! Uma expressão intra-histórica da vida comunal olindense. Esse, por sinal, é um caráter que sempre está presente nas manifestações do povo

de Olinda, a tradição dos cortejos. Não é só de cortejos carnavalescos que vive a cidade-patrimônio, mas de procissões, como a do Desterro, a do Senhor Morto ou a de São Pedro. Mui belo e rico é o cortejo da Procissão dos Passos, em que são visitados os diversos nichos do sítio histórico. Cortejos também há nas festas juninas, como o Acorda Povo, especialmente na comunidade do Amaro Branco, onde habitam os mais humildes moradores da cidade-patrimônio.

Assim se faz a cultura popular: pela atividade espontânea do povo anônimo. De nada adianta o Poder Público intentar um folclore por meio de eventos criados por lei, artificialmente. Essa maneira de atuar do Estado nasce de uma compreensão defeituosa do intra-histórico, tentativa inútil de desentranhá-lo da história, da qual é o cerne e a alma. Consegue-se assim, tão-sómente, transformá-lo em mero espetáculo para fruição de turistas. Distorções intra-históricas que, a bem da verdade, não são cometidas só aqui em Olinda. Não vi de perto, mas ouvi dizer pela boca de viajantes, que há índios à beira das rodovias no Norte do Brasil, colares e pulseiras às mãos, acenando aos caminhoneiros. Parecem, eles mesmos, os silvícolas, exóticas criaturas artesanais, expostas no acostamento. Pobres seres, extraídos da intra-história, triste espetáculo, que se rende ao apelo da mídia e da necessidade.

* * *

Um salto no tempo e já lhes comento o desfile das Bandeiras de Santo Antonio, São João e São Pedro, no Recife Antigo. Sábado, 17.06.2006, um grandioso cortejo. Quadrilhas, côco-de-roda, pastoris, bandas de música e trios pé-de-serra, todos desfilando em cortejo, com a desenvoltura de uma escola de samba. E ao final o frevo. Sim, tudo aqui acaba em frevo. Sob um toró que dava medo, o espetáculo. Bonito, mesmo! Uma espécie de *encontro de blocos* junino. Dava gosto de ver! Mas restou um sentimento de que algo artificial havia ali. Apesar de ser um belo esforço de apresentar a multiculturalidade de nossa gente, deu, nos que comigo estavam, uma vontade, um sentimento estranho, de voltar ao interior, de mergulhar no festejo dos matutos de verdade, de ver 'por dentro', intra-historicamente, a festa do São João do Carneirinho. De apreciar a vagarosa elaboração ritual das coisas: a feitura da comida de milho, os atavios da festa profana, bandeirinhas nas ruas, arraiais, fogueiras. Essa celebração que é fruta de uma cristalização milenar e intra-histórica, mas sempre renovada no esforço de todos os anos, em cada estação das chuvas, comemoração atávica e sazonal dos ciclos da natureza.

Evoé Baco! Viva São João! Louvado Seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Agradeço aos olhos críticos
dos intra-historiadores
Jefferson, Clarissa e Kelly.

Eurico,
23.junho.2006.

Kombeiros e hackers (ainda a intra-história)

Da janelinha do ônibus, observo a longa fila das kombis, que invadem a faixa exclusiva dos coletivos. Rebelam-se contra a proibição da circulação no centro do Recife desse tipo alternativo de transportes. Penso na pirataria francesa e holandesa, na quebra dos monopólios ingleses, na insurreição dos mascates, tudo isso a desaguar nessa abusiva invasão dos kombeiros na faixa dos ônibus, afrontando a ordem pública. Enfrentam o que parecia impossível: vencer o predomínio dos empresários pouco escrupulosos sobre essa concessão pública do transporte de passageiros. Terá sido assim nos tempos da Ferro-carril, das maxambombas, dos bondes-de-burro que deram lugar aos trolleybus?

Quando eu menino, havia no meu bairro nada menos que três linhas de ônibus. A EMTU, empresa estadual que regula os transportes metropolitanos, desde de que foi criada, proibiu que houvesse aquele tipo saudável de concorrência, beneficiando ostensivamente alguns empresários e gerando com isso o atual monopólio. Os kombeiros representam o enfrentamento dessa situação. Nesse 23.01.2003,

torço pela vitória da concorrência sobre o nefasto monopólio dos Schuambam et caterva.

* * *

Assisto na TV o dr Angelo Gaiarsa, velho lúcido, a dizer que os hackers podem evitar a Guerra Final, o Armagedom, devido a sua capacidade de invadir os computadores da NASA e do Pentágono. Eles são os novos anarquistas, a saudável rebeldia dos que querem viver em paz.

Ajunto aqui, na mesma nota, aos audaciosos hackers que subvertem os programas da NASA, os nossos simplórios kombeiros, os nossos indefectíveis camelôs, esses mascates modernos e os piratas de cd's (compact disc laser). Todos subvertem a ordem econômica mundial, que nos impõe sua lógica globalizante e hipócrita. Todos contribuem para a desordem necessária e libertadora. Todos desafiam o indefinível e abstrato Estado Republicano, rei impalpável e senhor de tudo e de todos. Nele não há um monarca a guilhotinar. São senhores virtuais, como os que antevia Aldous Huxley, em seu ADMIRÁVEL MUNDO NOVO. Não há mais uma Bastilha a derrubar. O jeito é minar-lhe as forças pela desobediência civil, pulverizando seus monopólios, seus trustes, seus conglomerados transnacionais de capital. Os hackers atingirão suas contas bancárias, seus controles virtuais da guerra estelar, e *nosotros*, andaremos de kombis alternativas, não comeremos mais os gordurosos

hamburgueres, compraremos cd's pirateados e consumiremos nos camelódromos (jamais nos shopping centers) as sulancas em lugar das griffes que, saltam da TV e nos alucinam pelos olhos, embotando nossas mentes.

Eurico

23.01.03

In Caderneta de Notas Imprevistas, notas 31 e 32.

